

A fenomenologia da arquitetura como vertente projetual na produção contemporânea

Leila Araujo GUILHERMINO
Contato: leilaguilhermino@yahoo.com.br

Linha de pesquisa: Projeto de Arquitetura - PPGAU UFRN

1 INTRODUÇÃO

As discussões iniciais para a construção de uma fenomenologia da arquitetura, oriundas das décadas de 1950 e 1960, refletem-se na construção do cenário contemporâneo. As questões levantadas desde sua origem, ao longo das décadas foram debatidas por teóricos e concretizadas em edificações.

Este artigo - recorte realizado sobre os resultados parciais da dissertação provisoriamente intitulada “Atmosferas: noção de projeto e percepção na obra de Peter Zumthor” - vem, então, iniciar um debate sobre a contribuição da vertente fenomenológica na arquitetura contemporânea.

Afinal, de quê trata a fenomenologia da arquitetura? O que ela aborda e defende? Quem são os arquitetos alinhados a ela? Estas serão perguntas discutidas aqui.

2 OBJETIVOS

Este estudo objetiva-se a identificar e discutir os princípios da fenomenologia da arquitetura, utilizando como recorte a produção arquitetônica Pós-modernista. Pretende, também, identificar profissionais alinhados aos seus fundamentos, identificando como seus conceitos refletem-se em suas obras.

3 MÉTODO

A pesquisa foi desenvolvida integralmente por meio de revisão bibliográfica em livros, periódicos e em material publicado na Internet.

4 DESENVOLVIMENTO

O início dos debates sobre uma fenomenologia da arquitetura data das décadas de 1950 e 1960, período de revisão e crítica dos princípios modernistas na arquitetura. Naquele momento, contrários ao funcionalismo, à construção em massa e à negligência às características individuais na produção arquitetônica, arquitetos como Allison e Peter Smithson, Aldo van Eick e os do grupo ATBAT, ainda dentro dos próprios CIAMs, e, depois, teóricos como Norberg-Schulz e Kenneth Frampton dão início a uma discussão sobre a origem e a real função da arquitetura na sociedade.

Pautada sob os princípios levantados por Heidegger e evoluídos por Husserl na filosofia, a fenomenologia constituiu-se com base na discussão sobre a experiência do habitar para o homem e refletiu-se em uma nova maneira de lidar com a relação entre este e o ambiente. Procurava, assim, responder a questões como “o que é?”, “para que serve?” e “qual o objetivo da arquitetura”.

Situada entre a engenharia e a arte, indefinida entre a razão da ciência e as individualidades do sujeito humano, demandou-se à arquitetura um retorno a seus sentidos primeiros, para que pudesse evoluir. Sob tal ponto de vista, defendeu-se que sua qualidade está também relacionada a decisões projetuais que, além de proverem lugares capazes de emocionar seus

usuários, possam respeitar as propriedades do ambiente original, como destaca Norberg-Schulz (2008), em 1967, em “O fenômeno do lugar”:

O propósito existencial do construir (arquitetura) é fazer um sítio tornar-se um lugar, isto é, revelar os significados presentes de modo latente no ambiente dado.

Ou, Pallasma (2008), em 1986, em “A geometria do sentimento”:

A experiência mais vasta e possivelmente mais importante que se pode ter da arquitetura é a sensação de estar em um lugar único. Uma parte dessa intensa sensação do lugar é sempre a impressão de algo sagrado: este lugar é para seres superiores. Uma casa pode parecer construída para ter uma finalidade prática, mas, na realidade, é um instrumento metafísico, uma ferramenta mítica com a qual tentamos dar ‘a nossa existência passageira um reflexo de eternidade.

Segundo este, o espaço é capaz de gerar vínculos com o usuário quando lhe remete a memórias anteriores, interferindo na avaliação da experiência sobre dado lugar.

Acredita-se que a memória se ativa quando repetem-se sensações corpóreas previamente experimentadas.

Desta forma, os elementos que compõem o ambiente - cores, texturas, sons, escalas, cheiros etc -, devem ser aplicados com fins de provocar sensações e reflexões, tornando-o um lugar específico (NESBITT, 2008). Mais que constituintes das superfícies, eleitos por fatores técnicos ou estéticos, eles serão os elos com os sentidos físicos dos usuários - tato, visão, audição, paladar e olfato -, tocando-lhes intimamente e aproximando os debates sobre a fenomenologia e a tectônica da arquitetura.

O edifício, então, passa a ser tratado como um espaço de imersão numa experiência, o que demanda, também, um processo projetual específico, que considera a dimensão sensorial do usuário em sua concepção.

Como arquitetos, nós não projetamos edifícios primordialmente como objetos físicos, mas como as imagens e os sentimentos das pessoas que os habitam. (PALLASMAA [1986], 2008)

Segundo NESBITT (2008), a fenomenologia se firmou como influente escola de pensamento entre alguns profissionais contemporâneos, fato que se verifica analisando obras de arquitetos e teóricos, como Tadao Ando e Steven Holl, Peter Zumthor, Alberto Pérez Gómez e Juhani Pallasmaa.

Projetos recentes, como as Termas de Vals (Figura 1 e Figura 2), de Zumthor, e a Cidade do Oceano e do Surf (Figura 3), do escritório Steven Holl Architects, ilustram como os conceitos da fenomenologia da arquitetura amadureceram ao longo dos anos e, hoje, apontam como uma vertente projetual ativa no cenário arquitetônico internacional.

A primeira delas trata de um *spa*, numa região montanhosa da Suíça, que oferece banhos a diferentes condições, a partir de uma fonte de água termal natural. Sobre o encargo, Zumthor questiona:

Mountain, stone, water – building in the stone, building with stone, into the mountain, building out of the mountain, being inside the mountain – how can the implications of these words be interpreted, architecturally?
(ZUMTHOR, In: HAUSER, 2007)

Como resultado desta indagação, um paralelepípedo rochoso parece brotar da montanha e, internamente – integralmente revestido do mesmo material, tem-se a sensação de estar numa caverna escavada na montanha. Cada câmara, além de apresentar configurações espaciais distintas, acomoda um banho com características térmicas, olfativas, cromáticas e táteis específicas, que se propõem a despertar os diversos sentidos.



Figura 1: Termas de Vals (Vals, Suíça), projetada por Zumthor. Fonte: Archdaily.com. Acesso em 14.02.2014.



Figura 2: Interior das Termas de Vals (Vals, Suíça), projetada por Zumthor. Fonte: Archdaily.com. Acesso em 14.02.2014.

Num jogo de interpretações sobre os elementos do projeto e o ambiente original, além dos estímulos sensoriais e do despertar das memórias dos usuários, percebe-se que o projeto, mais que uma mera composição formal, lida com objetos outros para sua composição.

Às margens do litoral francês, com fins de conceber um museu para discutir temas relativos ao oceano e ao surf, o Steven Holl Architects – em parceria com Solange Fabião - projetou a Cidade do Oceano e do Surf. O complexo, ilustrado na Figura 3, foi concebido sob o conceito *under the sky, under the sea*: a curvatura da laje de cobertura do pavimento inferior o faz parecer estar encoberto pelo mar, ao fundo na paisagem.



Figura 3: Cidade do Oceano e do Surf (Biarritz, França), projeto de Steven Holl Architects e Solange Fabião. Fonte: www.stevenholl.com. Acesso em 14.02.2014.

O edifício utiliza tanto de aspectos formais, quanto cromáticos, topográficos e texturas para remeter ao tema e ao contexto.

Para Norberg-Schulz (1998), em “Intenciones en Arquitectura” baseada na forma e na função. Foi a partir dos estudos sobre a fenomenologia da arquitetura que o sentido da visão, saturado de estímulos no mundo contemporâneo, passou a se complementar com os demais e a uma realidade de concepção espacial paradoxalmente mais primitiva e mais complexa.

Foram diversos os caminhos que se configuraram para a arquitetura ao longo das últimas décadas, quando se instaurou o chamado *pós-modernismo*. O que se baseia nos conceitos fenomenológicos da arquitetura apenas se coloca como uma alternativa e, como os demais, requer catalogação e análise, para uma evolução da disciplina.

Possíveis limitações impostas pelas condições de mercado e pela própria complexidade que envolve o tema o parecem distanciar do entendimento e da apreciação da cultura geral. Mas, como exposto sumariamente aqui, vem ganhando adeptos continuamente e mostrando-se como uma alternativa às condições mais amplamente divulgadas da arquitetura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto arquitetos, a decisão por qual caminho seguir é, na verdade, um reflexo dos princípios que cada um traz consigo.

A fenomenologia se mostra como uma alternativa que, sobretudo, instala um freio no ritmo da arquitetura, pedindo-lhe uma reflexão sobre o que está sendo feito com o ato de habitar – considerado aqui o ponto elementar da produção arquitetônica.

As obras que ilustram este estudo são meros exemplos de como pode ser possível aliar a filosofia (teórica, complexa, metafórica) à concretude da engenharia. Mais que isso, mostram como o resultado pode ser positivo para a arquitetura, a sociedade e o ambiente.

6 AGRADECIMENTOS

À CAPES, pelo apoio financeiro à pesquisa.

7 REFERÊNCIAS

HAUSER, Sigrid. **Peter Zumthor Therme Vals**. Verlag Scheidegger and Spiess. 2007

NESBITT, **Uma nova agenda para a arquitetura. Antologia teórica 1965-1995**. 2 ed. 2008.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Intenciones en Arquitectura**. [1971] Gustavo Gili. Barcelona, 1998.

NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. [1976]. In. NESBITT, **Uma nova agenda para a arquitetura. Antologia teórica 1965-1995**. 2 ed. 2008.

PALLASMAA, Juhani. A Geometria do Sentimento: um olhar sobre a fenomenologia da arquitetura. [1986]. In. NESBITT, **Uma nova agenda para a arquitetura. Antologia teórica 1965-1995**. 2 ed. 2008.

STEVEN HOLL ARCHITECTS. Disponível em: www.stevenholl.com. Acesso em 14 de fevereiro de 2014.

The Therme Vals / Peter Zumthor. 11 de Fevereiro de 2009. ArchDaily. Disponível em: <http://www.archdaily.com/13358>. Acesso em 14 de fevereiro de 2014.